

LINGUASAGEM

OS ESTUDOS DESCRITIVOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO¹

Entrevista com Taísa Peres de Oliveira²

RESUMO

Nesta entrevista, a pesquisadora Taísa Peres de Oliveira, coordenadora no biênio (2021-2023) do Grupo de Trabalho (GT) *Descrição do Português* da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), nos apresenta um panorama das pesquisas realizadas pelos membros deste GT e das contribuições destas pesquisas para os estudos do Português no Brasil. Entre os temas, a pesquisadora trata da abordagem funcionalista e da gramática de construções dedicadas à análise de línguas e a sua descrição, de modo a melhor compreender as regularidades e especificidades do funcionamento das línguas, a partir dos usos linguísticos, e assim desmistificar a visão prescritivista que predomina em nossa sociedade. Além dos exemplos atuais do impacto dos estudos de descrição do português em nossa vida como sociedade, enfim, das contribuições sociais e científicas das pesquisas realizadas pelos pesquisadores deste GT, a professora evoca renomados linguistas brasileiros, como Joaquim Mattoso Câmara Jr. e Maria Helena de Moura Neves, rememorando suas contribuições para os estudos de descrição do português, para a formação de gerações de pesquisadores no Brasil, e as contribuições que outorgaram especialmente para o ensino de nossa língua.

PALAVRAS-CHAVE: Descrição Linguística; Estrutura da Língua; Funcionalismo.

ABSTRACT

In this interview, the researcher Taísa Peres de Oliveira, head coordinator of the *Portuguese Description* Working Group (GT) of the *National Association of Graduate Programs and Research in Language and Linguistics* (ANPOLL) during the 2021-2023 term, provides an overview of the research conducted by the members of this GT and the contributions of their research to Portuguese studies in Brazil. Among the topics, the researcher discusses the functionalist approach and grammar construction as methods for analyzing language in use, describing it in a way that enhances our understanding of linguistics uses and demystifies the

¹ Entrevista concedida no dia 25 de janeiro de 2024, de forma remota, como atividade das disciplinas Laboratório 6 e 7 da *Ênfase II - Textos: Meios e Materiais Instrucionais*. A equipe responsável pela produção, transcrição e retextualização desta entrevista foi composta por Adriely Camargo, Agatha Rosa, Barbara Danielato, Beatrice Faccini, Elisa Rodrigues, Felipe Michelin e Miguel Moura, discentes do curso de Bacharelado em Linguística, e Luzmara Curcino, docente no Departamento de Letras e no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (DL/PPGL/UFSCar).

² Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professora Associada na área de Linguística e Língua Portuguesa na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) e docente do Programa de Pós-graduação em Letras desta mesma instituição. Coordena o Grupo de Estudos Sociofuncionalistas (UFMS) e é membro dos grupos de pesquisa Gramática de Usos (UNESP) e Discurso Gramática (UFRN). Coordenou o GT *Descrição do Português* da Anpoll (2021-2023). Traduziu a obra *Construcionalização e Mudanças construcionais*, publicada pela Editora Vozes em 2021 (em coautoria com Angélica Furtado da Cunha). É bolsista Produtividade CNPq/FUNDECT (Fonte: Plataforma Lattes). E-mail: taisapoliveira@gmail.com.

prescriptive view that predominates in our society. In addition to current examples of usage and the impact of the description studies of Portuguese conducted by the GT researchers, the professor evokes renowned Brazilian linguists Joaquim Mattoso Câmara Jr. and Maria Helena de Moura Neves, recalling their contributions to Portuguese studies, the training of generations of Portuguese researchers in Brazil, and the implications of these studies, especially for language teaching.

KEYWORDS: Linguistic Description; Language Structure; Functionalism

Pesquisas em Descrição do Português

Entrevistadores(as): Desde quando a professora atua neste GT *Descrição do Português*?

Taísa Peres de Oliveira: Sou membro do GT *Descrição do Português* da ANPOLL há quase duas décadas. Nele já pude atuar como vice-coordenadora junto com meu colega Ivo da Costa do Rosário (Universidade Federal Fluminense), então coordenador (gestão 2019-2021), e como coordenadora durante o último biênio (2021-2023), tendo como vice-coordenadora a colega Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale (Universidade Federal de São Carlos).

Entrevistadores(as): Quando o GT *Descrição do Português* foi formado? Quais são os objetos e problemáticas gerais que norteiam as pesquisas de seus membros?

Taísa Peres de Oliveira: Este GT foi fundado pela professora Maria Helena de Moura Neves³, uma renomada professora e pesquisadora na área de estudos descritivos do português e da Linguística brasileira. O grupo foi criado por ocasião da fundação da ANPOLL, sendo um de seus GTs mais antigos. Atualmente, o grupo conta com 46 membros, todos eles professores e pesquisadores atuantes em programas de Pós-graduação de todas as regiões do Brasil. Essa condição é uma norma interna específica do GT *Descrição do Português*. A ANPOLL, como associação de Pós-graduação, concede certa autonomia aos GTs para gerenciarem as filiações de seus membros. No nosso caso, apenas professores pesquisadores em atividade nos programas de Pós-graduação podem se filiar. Esses 46 membros são, portanto, professores que atuam na área dos estudos descritivos em programas de Pós-graduação de universidades de todas

³ Da extensa obra de Maria Helena de Moura Neves, destacamos uma das mais recentes: *A gramática do português revelada em textos* (2018).

as regiões do país, que pesquisam e formam novos quadros de pesquisadores, orientando pesquisas de Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado.

O eixo condutor das variadas pesquisas dos membros do GT é justamente a perspectiva descritiva da língua que todos nós adotamos, tal como indicado no próprio nome do grupo. Todos os pesquisadores filiados ao GT *Descrição do Português* dedicam-se, de diferentes formas, à descrição da língua, em três perspectivas: a da Análise Gramatical e Discursiva, a da Análise Construcional, e a da Vinculação Oracional. A diferença entre esses eixos reside no fato de que seus pesquisadores realizam a descrição de diversos fenômenos linguísticos sob perspectivas teóricas variadas. Assim, os 46 membros focalizam problemas específicos relacionados à descrição do português, e o fazem mobilizando diferentes bases epistemológicas e metodológicas, o que permite um retrato mais amplo e completo do exercício da descrição de língua em nossas pesquisas.

A área de descrição linguística dedica-se à identificação e sistematização de padrões e regularidades característicos de uma língua particular, oferecendo explicação sobre suas estruturas segundo os diferentes níveis linguísticos. É este o objetivo central das pesquisas vinculadas ao GT *Descrição do Português*: compreender como uma língua está estruturada nos níveis fonético, morfológico, sintático, semântico e pragmático.

A maior parte dos trabalhos abrigados no GT dedicam-se, em certa medida, à integração entre morfossintaxe, semântica e pragmática, majoritariamente segundo uma perspectiva funcionalista e/ou baseada nos usos. De forma geral, essas teorias não se restringem ao tratamento isolado dos níveis de análise linguística, mas privilegiam sua abordagem de forma integrada, ou seja, embora haja pesquisadores cujos trabalhos centrem-se na morfologia ou na sintaxe, a maioria das pesquisas aborda esses aspectos de maneira integrada.

Descrição do português e suas contribuições sociais

Entrevistadores(as): Que contribuições você destacaria das pesquisas realizadas pelos membros do GT, tendo em vista as demandas e problemas da sociedade atualmente?

Taísa Peres de Oliveira: De início, é preciso considerar que as contribuições da ciência, de modo geral, não se resumem a uma aplicação imediata, à solução de uma demanda específica. Muitas reflexões não se convertem imediatamente em uma resposta pragmática a um problema específico, oferecendo, na maioria das vezes, perspectivas,

formas de abordar um fenômeno, reflexões cuja envergadura pode fornecer soluções específicas em momentos posteriores. Devemos lembrar que a ciência é, sobretudo, cumulativa.

Considerando isso, a primeira grande contribuição dos estudos dessa área da descrição linguística é o acúmulo de conhecimento específico na área, quanto ao que nós sabemos atualmente acerca do português no Brasil. O conhecimento de que dispomos hoje em relação às particularidades do português é muito diferente do que dispúnhamos há 50 anos. O conhecimento atual é bastante diferente de quando Joaquim Mattoso Câmara Júnior⁴ introduziu os estudos descritivos no Brasil, exercendo um papel importante na fundação de uma Linguística brasileira. Por isso, o acúmulo de conhecimento oriundo da descrição do português desde essa época representa uma grande conquista, com importante impacto em nossa sociedade, em diversas áreas e especialmente para o ensino.

Isso ganha ainda mais importância em um período como o nosso, em que o conhecimento científico de modo geral, não apenas o de base, vem sendo ignorado por uma parcela da sociedade. Produzir e divulgar o que fazemos, em termos de ciência da linguagem de modo geral, e de descrição linguística de modo específico, permite que outros estudos de nossa área ou de áreas conexas possam ser realizados: pavimenta caminhos, destaca particularidades da língua, revê bases teóricas e possibilita refinamentos metodológicos. Permite ainda que a sociedade se beneficie da produção desse conhecimento de diversas maneiras, em grande medida ignoradas pela população em geral.

Uma das contribuições mais relevantes de nosso campo de estudos é aquele do âmbito do ensino de língua. Os estudos descritivos há muito vêm contribuindo, de maneira muito significativa, com avanços no ensino de língua no Brasil. Por exemplo, a professora Maria Helena de Moura Neves, por quem tive a honra de ter sido orientada no Doutorado, em vários de seus trabalhos defendeu a importância de se evitar um ensino baseado na imposição de normas rígidas, em geral preocupadas mais com o ensino de metalinguagem e classificações do que propriamente com o uso da língua por seus falantes.

⁴ Da extensa obra de Mattoso Câmara, destacamos os livros *Problemas de linguística descritiva* (1969); *História e estrutura da língua portuguesa* (1985).

O ensino de gramática eficiente deve considerar a fluidez dos usos, preparando os alunos para reconhecer e utilizar a língua de maneira competente em diferentes contextos sociais. Esse é um tema ainda hoje muito importante tratado no âmbito do GT por vários pesquisadores que compartilham esse mesmo ponto de vista acerca da heterogeneidade da língua, da mudança linguística, da variação linguística, e da importância de se ensinar a reconhecer e a descrever os fenômenos de uso da língua do ponto de vista da sua funcionalidade. Afinal, comunicamo-nos de forma eficiente porque, como falantes, conhecemos a estrutura linguística, assim como conhecemos a funcionalidade dessas estruturas. Portanto, para que o ensino de uma língua seja eficiente, não se deve partir nem permanecer insistindo em um conjunto de normas rígidas, engessadas e muitas vezes distantes do que é a realidade da língua do aluno. Ao contrário, tal como a abordagem funcionalista defende, é preciso considerar a funcionalidade da língua, a adequação de seu emprego em conformidade com contextos de uso específicos.

Isso se faz sentir, por exemplo, nos referenciais para o ensino de línguas e linguagens. O ensino, que antes era engessado e fundamentado numa visão homogênea e segregadora de língua, tem cada vez mais entendido a importância de abrigar a gramática em função (Neves, 2010) e, mais ainda, em função localizada e contextualizada. Muitos estudos sobre ensino de gramática têm apontado para a urgente necessidade de se pensar um ensino de língua que tome como ponto de partida a língua em função, distanciando o ensino de uma concepção da gramática como conjunto de regras isoladas (Neves, 2006, 2010).

Não se trata de propor um modelo de ensino propriamente dito. Antes, visa ao aprendizado da reflexão sobre a linguagem produzida pelos estudos de descrição, de modo mais específico pela descrição funcionalista, reforçando como o tratamento de uma gramática engessada e autônoma, baseado em nomenclaturas e esquemas fechados, impõe, no contexto da escola, uma língua distante e até mesmo irreconhecível daquela que o aluno usa efetivamente no seu cotidiano.

Estudos como os produzidos no GT chamam atenção para a necessidade de um ensino “da gramática que não se isole da vivência da linguagem” (Neves, 2010, p. 9), buscando “olhar reflexivamente a língua que se manifesta pela ativação linguística. Representa olhar a língua em uso em contexto de situação e em contexto de cultura, em inter-relações e em interfaceamentos” (Neves, 2010, p. 9). Parte dessa tarefa implica, portanto, reconhecer a multifuncionalidade da língua e a natureza complexa das relações e categorias linguísticas, que é exatamente o que fazem os estudos descritivos no GT.

Considerando outras demandas práticas atuais, os esforços na área de descrição linguística podem contribuir, por exemplo, com bases de dados para o desenvolvimento de tecnologias de processamento de linguagem natural. A descrição linguística fornece as bases teórica e empírica usadas pelo processamento de linguagem natural para criar sistemas capazes de entender e gerar linguagem artificial baseada na linguagem humana. A descrição de padrões e regularidades da língua é essencial para treinar os sistemas para processar, reconhecer e reproduzir esses padrões em grandes volumes de dados. Daí vem as diversas tecnologias que se baseiam na reprodução da linguagem humana, como por exemplo, os *chatbots* de atendimento automático de empresas de telefonia, TV a cabo, cujo atendimento ao público é feito por uma máquina. Não é possível fazer o processamento de linguagem natural sem os padrões e regularidades de uma língua identificados, sistematizados e explicados pela descrição linguística. *Chatbots* de atendimento automático são programados, por exemplo, para reconhecer e empregar regras de morfologia, de fonologia, de sintaxe, de semântica e de variação do português, porque essas regras encontram-se disponíveis em bases de dados advindas dos estudos descritivos do português.

Outro exemplo da importância dos estudos descritivos de nossa língua e de seus usos práticos para a realização de tarefas necessárias em diferentes frentes de nossa vida em sociedade relaciona-se à mobilização nas redes sociais de ferramentas sensíveis de identificação de emprego de linguagem ofensiva ou violenta. Como as redes sociais identificam usos de termos sensíveis, de potencial ofensivo, violento, criminoso? Justamente por meio dessas bases de dados, em parte alimentadas por estudos descritivos do português. As redes sociais dispõem de ferramentas que monitoram o uso desse tipo de linguagem graças aos dados disponíveis, obtidos por meio de processos de descrição de línguas naturais. Por isso, ao empregar um *palavrão* ou algum conteúdo de potencial ofensivo em uma rede social, o usuário recebe uma mensagem consultando-o se de fato ele quer publicar a postagem e se aquela postagem não fere as diretrizes da plataforma, sob o risco de suspensão da conta.

Quem alimenta esses bancos de dados são os pesquisadores que trabalham com a descrição linguística. Na UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), o professor Oto Vale, por exemplo, trabalha com a implementação de sistemas de processamento de linguagem natural. Recentemente, ele orientou um trabalho de pesquisa sobre a técnica

de análise de sentimentos, que é uma ferramenta de processamento de linguagem natural⁵. Observar a estrutura da língua, entender seu funcionamento e explicar em que contextos ela se aplica é tarefa da área de descrição linguística que pode, posteriormente, ser aproveitado pelo processamento de linguagem natural. Por exemplo, somente se pode implementar um sistema de avaliação de tradução automática que seja sensível à variação linguística a partir de um acervo amplo, adequado, em constante alimentação de formas representativas dessa variação.

Em uma viagem recente para São Paulo, para participar do Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos de São Paulo, observei que nas portarias dos prédios já não há mais porteiros, mas sim uma portaria automatizada, com um sistema de reconhecimento de voz. Ao apertar o botão do interfone da portaria se recebe um atendimento de um sistema totalmente automatizado, que consegue compreender o que lhe é informado, em função das demandas para as quais ele está programado. Esse tipo de programação depende desses acervos de dados linguísticos, cuja constituição depende do trabalho de descrição linguística realizado por linguistas de nossa área. Esse mesmo sistema de reconhecimento de voz é usado hoje em carros que são acionados por comando de voz, ou em casas inteligentes, automatizadas, que respondem a comandos de voz diversos para realizar ações como acender ou desligar as luzes, tocar música, ligar a TV, acionar refrigeração etc.

Todas essas tecnologias dependem, para seu bom funcionamento, do trabalho de descrição linguística, porque o passo inicial é saber como a língua é, como funcionam seus padrões, regularidades e construções. Isso não significa dizer que todos os membros do GT de *Descrição do Português* pesquisam na área exclusiva e prioritariamente com esse fim. Esses exemplos dão uma amostra da aplicabilidade, na sociedade atual, de possibilidades de pensar a aplicação dos resultados de nossas pesquisas.

Como dito antes, os estudos descritivos, em especial os estudos de orientação funcionalista, têm um impacto muito importante na formação docente, na construção de referenciais de ensino e na produção de materiais didáticos para o ensino de língua. Na área de descrição linguística dispomos de diferentes perspectivas teóricas, entre as quais o Funcionalismo. Essa perspectiva se caracteriza por sua preocupação em descrever a língua em funcionamento, ou seja, descrever a estrutura linguística associada à sua funcionalidade, à sua função em um contexto específico de uso. Formar um cidadão

⁵ Cf. Scopim (2012).

competente linguisticamente é ensinar a usar a língua em diferentes esferas sociais, reconhecendo não apenas a existência das variedades linguísticas, mas também equacionando estrutura e função adequadamente em diferentes contextos de uso.

Portanto, os estudos descritivos, ao produzirem conhecimento sobre as línguas, registram e descrevem os usos linguísticos os mais diversos, contribuindo para a documentação de línguas e para o aprimoramento do ensino de línguas. Com isso desempenham um papel crucial para as tecnologias que mobilizam o processamento de linguagem natural, constituindo-se assim uma área de estudos de relevante contribuição para a sociedade.

Descrição do português e a formação de pesquisadores

Entrevistadores(as): Em relação ao seu percurso acadêmico, o que a levou a se interessar pela Linguística e, especificamente, pelos estudos em sintaxe na área de descrição Linguística?

Taísa Peres de Oliveira: Me formei Bacharel em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Goiás (UFG), em Goiânia. À época, fui aluna da Profa. Dra. Flávia Hirata-Vale e do Prof. Dr. Oto Vale, hoje docentes na UFSCar e membros do GT *Descrição do Português*.

Desde as primeiras aulas de Linguística, com a Profa. Dra. Mônica Veloso Borges⁶, me identifiquei com os princípios, objetos e formas de análise desse campo, e soube desde então, que era a isso que gostaria de me dedicar em minha formação e carreira. Aprendi, com essa professora, a importante contribuição dos estudos de descrição de línguas relacionada à documentação linguística, algo fundamental para a preservação, conhecimento e valorização de línguas minoritárias, como, por exemplo, línguas indígenas. Isso porque a descrição linguística não apenas explica o funcionamento sistemático de uma língua, mas, ao construir acervo de dados sobre a língua, a descrição também registra e documenta essa língua, e essa é uma contribuição de extrema relevância social.

⁶ Doutora em Linguística, desde 1994, atua como Professora Associada na Faculdade de Letras e no Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena da UFG. Suas áreas de pesquisa incluem a análise e descrição de línguas indígenas, LIBRAS, Língua Portuguesa, tipologia linguística e educação indígena. É membro da Comissão Nacional de Educação Escolar Indígena e coordena o projeto Saberes Indígenas na Escola. Colabora com a Universidade Federal do Tocantins e estuda línguas indígenas como Karajá, Tapirapé e Avá-Canoeiro (Fonte: Plataforma Lattes).

A Linguística me pareceu, diferentemente do que eu via nas aulas de Literatura, um campo de estudo mais indicado para meu perfil, mais tangível em termos de definição de objeto, de recorte de dados e de método de análise, o que me permitia depreender e recortar unidades de análise de forma mais concreta. Minha inclinação pela sintaxe está relacionada ao Funcionalismo, com o qual travei contato ainda bem cedo. Para mim, a relevância da abordagem funcionalista está no fato de ela não se restringir à sintaxe. Ela abrange a morfossintaxe, a semântica e a pragmática de maneira integrada. O que me atraiu foi a proposta de pensar como a língua não pode ser tratada como uma estrutura isolada, mas sempre motivada por um componente pragmático-contextual que a aciona e a coloca em funcionamento, observando como uma estrutura linguística desempenha uma função, ou seja, um propósito comunicativo em um contexto específico.

Por essa razão, minha inserção como pesquisadora na área se deve, inicialmente, à minha identificação com a abordagem funcionalista, com os princípios do Funcionalismo, no interior dos estudos linguísticos. Nesse campo vasto, com diferentes formas de abordar as línguas, a proposta formalista de considerar a língua como uma entidade autônoma, independentemente dos usos dos falantes, por exemplo, não fazia muito sentido para mim. Atualmente meus interesses de pesquisa se orientam pela perspectiva teórica da Gramática de Construções, que se filia aos Modelos Baseados no Uso.

Nesse modelo, entende-se que a língua é moldada pela experiência dos usuários em situações reais de comunicação, e a estrutura linguística é moldada pela experiência do usuário da língua, refletindo habilidades cognitivas gerais que atuam em outros sistemas do conhecimento humano. Por exemplo, a língua é formada por categorias linguísticas (substantivos, verbos, adjetivos etc.). É possível pensar diferentes categorias. Mas o ato de categorizar não é específico da linguagem. Categorizamos o mundo ao nosso redor o tempo todo. Cada vez que encontramos um objeto novo ou uma experiência nova, categorizamos esse objeto/experiência como parte de uma categoria que já conhecemos e temos armazenada em nossa memória. E como fazemos isso? Porque conseguimos generalizar as propriedades desse novo objeto e associar essas propriedades com as propriedades de categorias que temos de algum modo guardadas na memória. Diante de um lápis, rapidamente passamos a categorizá-lo nas categorias material de escola/escritório, coisas para escrever, etc. Porque mesmo sem ter visto antes este lápis, esse objeto específico, é possível apreender suas propriedades e, a partir delas, buscar outras existências parecidas.

Entrevistadores(as): Em que consistem suas pesquisas? Se tivesse de explicá-las para um leigo em estudos da linguagem, o que você ressaltaria?

Taísa Peres de Oliveira: Eu poderia dizer de modo bem simples que o tipo de pesquisa que faço tenta explicar como uma estrutura linguística emerge, como surge uma determinada construção linguística. Outro objetivo é explicar como nossas capacidades básicas, como por exemplo nossa memória, o modo como às vezes pensamos/agimos de forma mais automática (como dirigir, por exemplo), o modo como conseguimos identificar as funções de um objeto mesmo sem nunca tê-lo visto antes, servem de base para a estrutura linguística também, tanto para sua organização em um recorte sincrônico, como para sua emergência na perspectiva diacrônica.

Um exemplo muito usado pelos linguistas para demonstrar a emergência de uma forma linguística é o pronome *você*, que tem sua origem em uma forma antiga, um pronome de tratamento de uso bastante restrito *vossa mercê*, empregado para se dirigir ao rei, e que evoluiu para um pronome de segunda pessoa, no singular e no plural, no português atual, utilizado por todos para se dirigir a todos, indistintamente. Os falantes da língua foram gradualmente modificando essa expressão, conferindo-lhe um significado diferente do original (forma de tratamento do rei). Ao dar essa nova função a essa estrutura (a de indicar a segunda pessoa singular/plural), os falantes a recategorizam, agora como parte do quadro dos pronomes pessoais. Meu objeto de estudo é justamente esse: pensar como um grupo de falantes pode provocar pequenas alterações na estrutura linguística e como processualmente essas pequenas alterações podem resultar em mudanças efetivas de algumas partes da língua.

Um outro exemplo, porque os exemplos são sempre uma forma interessante de explicar a leigos o que estudamos, é o uso de *um monte de*, uma forma de expressar a quantidade. Quando dizemos *um monte de gente na rua*, estamos indicando que há várias pessoas, em grande número, ou seja, a quantidade de pessoas na rua, e não *um monte* no sentido geológico do termo, relativo a *montanha*, ou seja, não são pessoas amontoadas umas sobre as outras como poderia ser no caso de um monte de terra. Portanto, adoto o ponto de vista segundo o qual os falantes conseguem derivar estruturas linguísticas a partir dos usos da língua em contextos físicos e socioculturais, produzindo essas pequenas modificações de sentido e de forma. É justamente isso que eu estudo, ao me dedicar ao

modo como emergiram (no português) os conectores adverbiais, especialmente os condicionais.

Outros exemplos mais evidentes incluem construções como *para caralho*, que funciona como um intensificador, isto é, essa forma dispõe da mesma função que *muito*, ou *ela é um anjo de menina*, em que a palavra *anjo* adquire um sentido diferente de *celestial* ou *religioso*, indicando antes que se trata de uma menina doce, comportada, aprazível. A expressão *uma merda de carro* também ilustra como os falantes conseguem modificar o sentido de uma palavra, afastando-a de seu uso literal (que na área nós chamamos de composicional), indicando, do ponto de vista semântico, que o carro é muito ruim. Meu trabalho consiste em coletar dados de uma estrutura específica e observar como os falantes, ao longo do tempo, provocam essas pequenas alterações de forma e sentido na estrutura da língua.

Entrevistadores(as): Para finalizarmos, que recomendação ou conselho a professora daria para um estudante que se identifica com os estudos de descrição linguística e com a abordagem funcionalista e que gostaria de se formar pesquisador na área?

Taísa Peres de Oliveira: A primeira recomendação que eu daria é a da leitura de obras fundamentais no campo de estudos linguísticos no Brasil, como as de Joaquim Mattoso Câmara Júnior, as gramáticas de Maria Helena de Moura Neves (Neves, 2000), a coleção *Gramática do Português Falado no Brasil* e *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*, resultados do projeto *Gramática do Português Falado*, coordenado pelo pesquisador Ataliba Teixeira de Castilho (2021), hoje membro emérito do GT. A obra de Mattoso Câmara, renomado estudioso da descrição linguística, foi um marco na consolidação da linguística brasileira. Quanto à obra da professora Maria Helena de Moura Neves, ela é a maior expoente do Funcionalismo e da linguística descritiva no Brasil. A coleção *Gramática do Português Falado*, nos dois conjuntos, conta com vários capítulos de descrição do português, muitos de autoria de pesquisadores filiados ao GT *Descrição do Português*.

Recomendo ainda conhecer bem os níveis de análise linguística. Não há como fazer linguística sem conhecer esses níveis, ou seja, não é possível fazer linguística sem saber linguística descritiva. Ainda que não seja necessário um conhecimento avançado de linguística descritiva, não se faz nenhum tipo de estudo ou análise linguística sem conhecer a regularidade das estruturas linguísticas. Portanto, não é possível fazer

linguística sem conhecer a fonologia, a morfologia, a sintaxe, a semântica e a pragmática. Assim, ainda que no campo dos estudos linguísticos se disponha de uma enormidade de áreas, para que alguém possa se nomear linguista, é necessário conhecer minimamente a estrutura linguística e seu funcionamento, seus níveis e suas relações intra e interníveis. Essa é minha segunda recomendação.

A terceira recomendação seria a de investir no estudo de questões linguísticas relacionadas à tecnologia, ao direito linguístico e à relevância social da Linguística. Isso porque há hoje uma tendência muito forte para engajar-se ativamente com questões práticas e éticas da sociedade. Isso inclui, por exemplo, garantir que tecnologias linguísticas respeitem a diversidade, defender os direitos linguísticos de todas as comunidades, descrever línguas a partir de suas realidades socioculturais e combater desigualdades/violência na linguagem. E a descrição linguística tem muito a contribuir com quaisquer desses caminhos que hoje se abrem. Seja em que direção for, o conselho é, antes de tudo, ter curiosidade linguística, se interessar pelos fenômenos (regularidades) da língua, e, claro, estudar muito. Sem estudar muito não se faz ciência.

REFERÊNCIAS

- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Problemas de linguística descritiva**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Livros Técnicos e Científicos, 1969.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1985.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira. Gramática do Português Brasileiro: fundamentos, perspectivas. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 1, p. 252-252, 2021.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. Unesp, 2000.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Ensino de língua e vivência de linguagem: temas em confronto**. São Paulo: Contexto, 2010.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática do português revelada em textos**. São Paulo: Contexto, 2018.
- SCOPIM, Débora. **Estudos de padrões lexicais em textos opinativos**. 2011. 134 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

Como referenciar esta entrevista:

OLIVEIRA, Taísa Peres de. Os estudos descritivos do português brasileiro. [Entrevista concedida a] Adriely Camargo, Agatha Rosa, Barbara Danielato, Beatrice Faccini, Elisa Rodrigues, Felipe Michelin, Luzmara Curcino e Miguel Moura. **Revista Linguagem**, São Carlos, v.47, n.1, p. 128-140, 2024.